

QUANDO O CA[x]O VIRA CA[●]O: A PERCEPÇÃO DOS RÓTICOS EM UM MUNICÍPIO DE COLONIZAÇÃO POMERANA

WHEN CA[x]O TURNS CA[●]O: THE PERCEPTION OF RHOTICS IN AN CITY OF POMERANIAN COLONIZATION

Felipe Bilharva da Silva¹

Giovana Ferreira-Gonçalves²

RESUMO: O presente trabalho busca investigar a influência do Pomerano, língua de imigração Baixo-Saxã falada no município de Arroio do Padre (RS), na percepção dos segmentos róticos por estudantes bilíngues e monolíngues do segundo, terceiro, quarto e sexto anos de duas escolas públicas. Para tanto, foram formados três grupos de investigação: bilíngues de Arroio do Padre (grupo BA), monolíngues de Arroio do Padre (grupo MA) e monolíngues de Pelotas (grupo MP, controle). Foram realizados dois testes de percepção. No primeiro, de identificação com escolha forçada, os sujeitos ouviam uma palavra e deveriam associá-la a uma de duas imagens mostradas na tela de um *laptop*. No segundo, de discriminação do tipo ABX, eram ouvidas três palavras, e os participantes deveriam apontar se uma delas era diferente das demais, se todas eram iguais ou se todas eram diferentes. Após os índices de acerto e os tempos de resposta serem contabilizados, os resultados revelaram que, enquanto o grupo MA aumentou o número de acertos ao longo da escolaridade, e o grupo MP diminuiu o tempo de resposta necessário para escolher a alternativa correta, o grupo BA demonstrou um índice de acertos inferior aos demais, sem uma evolução ao longo das séries.

PALAVRAS-CHAVE: Percepção. Pomerano. Róticos. Línguas de imigração.

ABSTRACT: This paper aims to investigate the influence of Pomeranian, a Low Saxon immigration language spoken in Arroio do Padre city, on the perception of rhotic segments by bilingual and monolingual students of two public schools. Three investigation groups were formed: Arroio do Padre's bilinguals (BA group), Arroio do Padre's monolinguals (MA group) and Pelotas's monolinguals

¹ Doutorando em linguística na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

² Universidade Federal de Pelotas

(MP group, control). Two perception tasks were made. In the first task, a forced-choice identification one, the subjects heard a word and were asked to associate it with the correct image, among two options showed on a laptop screen. In the second task, an ABX discrimination one, the participants heard three words and were asked to point out if one word was different from the others, if all of them were similar or if all of them were different. The accuracy level and the response time were calculated and the results showed that, while the MA group increased their accuracy levels as they advanced in school grades, and the MP group decreased their response time in choosing the correct alternative, the BA group showed a lower accuracy level in relation to the others, without improvement as they advanced in school grades.

KEYWORDS: Perception. Pomeranian. Rhotics. Immigration Languages.

QUANDO O CA[x]O VIRA CA[•]O: A PERCEPÇÃO DOS RÓTICOS EM UM MUNICÍPIO DE COLONIZAÇÃO POMERANA

INTRODUÇÃO

Uma série de trabalhos fonológicos tem buscado, nos últimos anos, descrever o funcionamento de línguas de imigração germânicas faladas no Brasil, demonstrando, por meio de fenômenos linguísticos pontuais, sua influência no português falado nos municípios sedes de imigração. Esses estudos (HENNES, 1979; BLANK, 2013), em sua maioria, focalizam a produção, buscando traçar correlações entre aspectos fonéticos, fonológicos e ortográficos, revelando suas mútuas influências e as consequentes implicações no português falado por jovens e adultos bilíngues.

Um aspecto comumente deixado de fora na maioria desses estudos, entretanto, diz respeito aos fenômenos relacionados à percepção, campo crescente nas pesquisas linguísticas e que tem lançado novas luzes sobre o conhecimento a respeito da linguagem. O baixo número de trabalhos que abordam a percepção em falantes bilíngues não constitui uma exceção em meio aos estudos linguísticos. De acordo com Thomas (2011), a percepção é deveras menos investigada nos estudos da linguagem como um todo, se a colocarmos em comparação com os trabalhos de produção. Existe, dessa forma, uma lacuna de pesquisas que se proponham a investigar de que maneira a informação fonético-fonológica presente nas comunidades de imigração é extraída e categorizada por seus falantes. No Brasil, poucos trabalhos se propuseram a realizar tal investigação, dentre os quais é possível citar Gewher-Borella (2010) e Bilharva-da-Silva (2015).

A presente investigação tem, então, como objetivo avaliar a influência do Pomerano, língua de imigração Baixo-Saxã, na percepção dos segmentos róticos do Português por falantes bilíngues e monolíngues, em etapa de aquisição da modalidade escrita da linguagem, a fim de observar se o contato com a escrita aprimora a percepção desses segmentos. Para

tanto, foram analisados desempenhos em testes de percepção de 68 estudantes do segundo, terceiro, quarto e sexto anos de duas escolas públicas, uma situada em Arroio do Padre, município sede de colonização pomerana, e outra em Pelotas, a qual viabilizou a constituição de um grupo controle.

A escolha pelos segmentos róticos se deu pelo grande número de fenômenos envolvendo essa classe de sons na fala de moradores de regiões de colonização germânica, como mostram, por exemplo, Hennes (1979) e Prade (2003), entre outros. Como, de acordo com Thomas (2011, p.61), “um aspecto importante nos experimentos de percepção é que quaisquer que sejam os fatores que você pretende testar, eles devem estar relacionados com fatores presentes na produção da fala”, a análise da percepção dos róticos em zonas de imigração germânicas comprova-se relevante.

Para descrever e discutir o fenômeno apresentado, a primeira seção faz uma breve apresentação da língua Pomerana, enfatizando-se as características dos segmentos róticos. Na segunda seção, é apresentada a metodologia detalhada dos testes realizados, bem como dos procedimentos de coleta. Na terceira seção, os resultados são discutidos e problematizados para que, na quarta e última seção, as conclusões deste trabalho possam ser tecidas.

1 O POMERANO

De acordo com Tressmann (2008), o Pomerano é uma língua Baixo-Saxã descendente da família Germânica, grupo mais abrangente. Assim como outras línguas Baixo-Saxãs, o Pomerano é comumente descrito como uma língua Baixo-Alemã, definição imprecisa, como explica Tressmann, uma vez que, embora originadas de um mesmo galho linguístico, o Germânico Ocidental, o Pomerano e o Alemão Padrão dividem-se em ramificações distintas, e guardam peculiaridades significativas.

O Pomerano é proveniente da antiga região da Pomerânia, situada ao norte de Alemanha e Polônia, em altitudes mais baixas, diante do Mar Báltico, conforme mostra a Figura 1. Após a II Guerra Mundial, a região foi dividida em duas partes e anexada a Alemanha e Polônia.

Figura 1 - Mapa da localização da antiga região da Pomerânia



Fonte: Revista Globo Rural, 2008.

No que se refere à fonologia, Schaeffer (2012) aponta que, quanto aos róticos, assim como no Português, há dois fonemas distintos no Pomerano: um tepe alveolar, /ʄ/, e uma fricativa velar, /x/. A principal diferença para o Português reside nas possibilidades de posicionamento dos róticos no interior da sílaba, já que no Pomerano o tepe pode ocupar a posição inicial de palavra e não pode ocupar a posição final de sílaba.

No Brasil, o Pomerano é falado especialmente – mas não exclusivamente – no Espírito Santo e no Rio Grande do Sul. Sobre a variedade gaúcha, Vandresen (2006) estudou o Português falado no município de Arroio do Padre e identificou peculiaridades que caracterizam a fala dos descendentes de pomeranos.

(...) o português falado pelos alunos das escolas deste município tem forte interferência da Língua Materna, especialmente, na distinção entre consoantes surdas e sonoras, vibrante simples e múltipla e as vogais e ditongos nasais (VANDRESEN, 2006, p. 1).

Como se observa no relato do autor, a presença do Pomerano parece exercer influência na produção dos róticos do Português falado na região, o que conduz à necessidade de avaliar-se igualmente seus efeitos na percepção.

2 METODOLOGIA

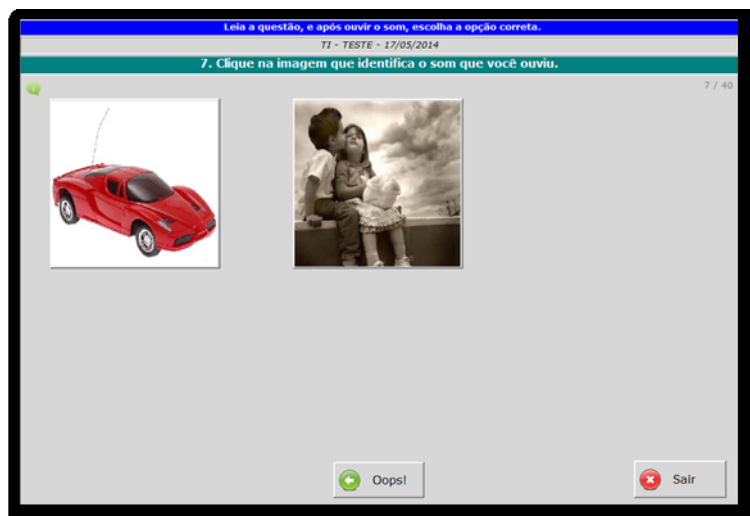
Para a análise da influência do Pomerano na percepção dos segmentos róticos, foram selecionados 68 estudantes de duas escolas públicas, sendo uma delas situada na área urbana de Pelotas. Os alunos desta escola eram monolíngues sem contato relevante com uma segunda língua³, constituindo, assim, o grupo controle. Esse grupo – aqui alcunhado como MP, monolíngues de Pelotas – foi comparado com o grupo dos monolíngues de Arroio do Padre – grupo MA – e com o grupo dos bilíngues de Arroio do Padre – grupo BA. Os integrantes dos grupos BA e MA foram escolhidos por meio de questionário a respeito do contato com o Pomerano, entregue aos pais juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foram realizados dois testes de percepção – identificação e discriminação –, buscando uma análise complementar e abrangente a respeito do fenômeno investigado. A construção dos testes foi realizada por meio do *software* Teste/treinamento de Percepção (TP) (RAUBER, RATO, KLUGE & SANTOS, 2012), disponibilizado de forma livre.

No teste de identificação, conforme Clopper, Hay e Plichta (2010), os participantes são solicitados a atribuir rótulos a determinados segmentos, em uma escolha que pode ser livre – quando o informante pode atribuir qualquer rótulo – ou forçada – quando os rótulos são a ele disponibilizados. No teste proposto, eram apresentadas duas figuras na tela de um computador – configurando-se, assim, como um teste de escolha forçada –, enquanto o aluno ouvia o nome de uma delas, devendo, posteriormente, apontar com o dedo a figura cujo nome havia sido ouvido. Um exemplo é apresentado na Figura 2. Como muitos estudantes se encontravam em etapa de alfabetização, optou-se pela apresentação de figuras, e não de palavras escritas. O ônus dessa escolha foi a necessidade de uma etapa de habituação antes da realização do teste, durante a qual o entrevistador mostrava cada uma das imagens, provocando a produção de seu nome.

³ Conforme evidenciado em questionário oral realizado no momento da coleta de dados.

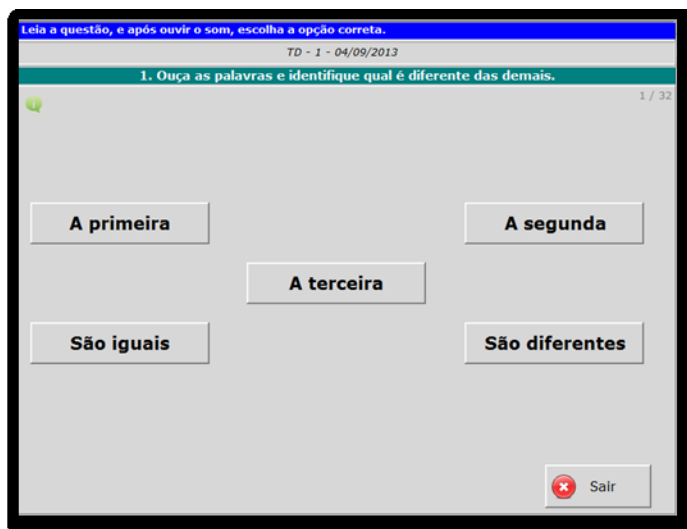
Figura 2 - Teste de identificação – par *carrinho/carinho*



Para essa primeira etapa da pesquisa, foram selecionados 40 pares de palavras que se diferenciavam unicamente quanto ao segmento rótico empregado, fosse em um contraste envolvendo presença X ausência do rótico – *Cravo X Cavo, Morrer X Moer* – ou tepe X fricativa – *Marreta X Mareta, Carreta X Careta*. Os itens lexicais foram divididos em três conjuntos de variáveis, *Posição silábica e na palavra* (do rótico), *Contexto antecedente e Contexto seguinte*, selecionados com base em Miranda (1996).

O segundo teste realizado foi o de discriminação, o qual, segundo Clopper, Hay e Plichta (2010), deve ser empregado em complementaridade ao teste de identificação. No teste realizado, de configuração ABX, os estudantes ouviam uma sequência de três palavras, uma das quais geralmente se diferenciava das demais. Cabia, então, apontar qual era a palavra destoante: a primeira, a segunda ou a terceira, havendo, ainda, a possibilidade de todas serem iguais ou de todas serem diferentes. A Figura 3 apresenta um exemplo. Nesse teste, foi realizada uma etapa de familiarização, já que impunha certo grau de complexidade aos participantes. Assim, antes da aplicação do teste, o entrevistador produzia oralmente três palavras e solicitava ao aluno que identificasse a diferente. As palavras produzidas não envolviam róticos, e a diferença residia no nível segmental. Quando o participante acertava uma sequência de três estímulos, demonstrando ter compreendido a metodologia, o treinamento acabava.

Figura 3 - Teste de discriminação



No que se refere aos estímulos utilizados, foram realizadas gravações de duas informantes do sexo feminino, com idades entre 20 e 25 anos, moradoras da cidade de Pelotas e que tinham o Português Brasileiro como primeira língua. As gravações foram realizadas em uma cabine com isolamento acústico, com um gravador digital *Zoom H4N*, com taxa de amostragem de 44.100 HZ. O teste de discriminação foi aleatorizado, a fim de evitar efeitos de ordenamento (CLOPPER, HAY e PLICHTA, 2010) como uma influência nos resultados⁴. Em ambos os testes, o botão *Oops* esteve ativado, permitindo a repetição do estímulo, uma única vez, caso fosse do interesse do participante.

Os estímulos foram divididos em seis categorias no teste de identificação e em sete no teste de discriminação, a fim de traçar uma comparação pareada entre segmentos e detectar quais contrastes eram mais problemáticos para cada um dos grupos. Assim, na categoria $[\square] X [x]$ – produção de $[\square]$, por exemplo, no teste de identificação, o participante se deparava com duas figuras cujos nomes contrastavam quanto à presença do tepe, em um dos nomes, e da fricativa, no outro – como *careta X carreta* –, sendo que o estímulo ouvido continha um tepe – ouvia-se *careta*. No caso de pares do tipo $[\text{r}]^5 X [\square]$, produção de $[\text{r}]$, o contraste envolvia dois itens lexicais cuja diferença residia na presença X ausência de um rótico, como *cata X carta*, sendo que o estímulo ouvido não continha o tepe – *cata*, no nosso exemplo.

Por fim, os resultados foram contabilizados e, então, tratados estatisticamente por meio do software *SPSS Statistics*, versão 17.0, possibilitando, assim, a generalização dos resultados da amostra.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme apontam diversos estudos que se propõem a investigar a influência de línguas de imigração germânicas no Português (HENNES, 1979; PRADE, 2003, entre outros), fenômenos envolvendo os róticos são comuns na fala de bilíngues. Dessa forma, levando-se em consideração a distribuição silábica e na palavra distinta entre o Português e o

⁴ O *design* do teste de identificação não permitiu que o software TP realizasse a aleatorização, sendo os estímulos, por esse motivo, pré-aleatorizados manualmente.

⁵ O símbolo r representa um ambiente sem a presença de rótico.

Pomerano, descrita por Schaeffer (2012), esperava-se uma maior dificuldade na distinção dos róticos pelos integrantes do grupo BA.

Os resultados da Tabela 1, que quantifica os índices de acerto dos três grupos no teste de identificação, fornece um primeiro parâmetro para a avaliação dessa hipótese.

Tabela 1 - Índice médio de acertos/desvio padrão no teste de identificação

Estímulo	Segundo ano			Terceiro ano			Quarto ano			Sexto ano		
	MA	BA	MP	MA	BA	MP	MA	BA	MP	MA	BA	MP
1 [●] X [x] - produção de [●]	65,0/ 25,1	76,0/ 16,7	77,8/ 12,0	70,0/ 14,1	72,0/ 11,0	80,0/ 13,3	83,3/ 15,1	80,0/ 28,3	82,2/ 15,6	76,0/ 16,7	80,0/ 20,0	86,7/ 14,1
2 [●] X [x] - produção de [x]	100/ 0,0	100/ 0,0	88,9/ 16,7	83,4/ 23,5	86,7/ 18,2	80,0/ 17,2	94,5/ 13,6	83,4/ 23,5	81,5/ 17,6	100/ 0,0	77,8/ 19,2	92,6/ 22,2
3 [●] X [ʁ] - produção de [●]	87,5/ 5,1	83,8/ 7,1	83,4/ 8,3	71,9/ 13,3	82,5/ 9,3	78,2/ 9,0	88,6/ 11,5	81,3/ 0,0	83,4/ 5,4	83,8/ 7,1	75,0/ 10,9	86,8/ 13,4
4 [●] X [ʁ] - produção de [ʁ]	90,9/ 7,4	100/ 0,0	96,0/ 9,2	90,9/ 0,0	98,2/ 4,1	93,6/ 9,6	98,5/ 3,7	90,9/ 0,0	96,0/ 6,6	100/ 0,0	90,9/ 9,1	96,0/ 8,0
5 [x] X [ʁ] - produção de [x]	100/ 0,0	100/ 0,0	88,9/ 23,6	66,7/ 0,0	93,3/ 14,9	100/ 0,0	100/ 0,0	83,4/ 23,5	96,3/ 11,1	100/ 0,0	66,7/ 57,7	100/ 0,0
6 [x] X [ʁ] - produção de [ʁ]	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	83,3/ 28,9	100/ 0,0

■ Diferença significativa interturmas ■ Diferença significativa intergrupos

Observando-se a Tabela 1, é possível verificar inicialmente que não há uma grande discrepância entre os resultados, seja na análise interturmas, seja na intergrupos. Apenas duas ocorrências de diferenças estatisticamente significativas foram detectadas, ambas na categoria 5, que envolvia uma comparação entre [x] e [ʁ], com produção de [x]. Surpreendentemente, não foi o grupo BA a apresentar os resultados mais inferiores, mas sim o grupo MA, que revelou um baixo número de acertos no terceiro ano. Tal índice baixo gerou diferença significativa ($Z = -3,317$; $p = 0,01$) com relação ao grupo MP, na análise intergrupos⁶. Dessa forma, nesse caso, o grupo dos monolíngues de Pelotas apresentou desempenho significativamente superior ao dos monolíngues de Arroio do Padre. Cabe reportar também a diferença significativa constatada entre os terceiro e quarto anos do grupo MA ($Z = -2,646$; $p = 0,008$), na análise interturmas, revelando novamente o baixo índice de acertos do terceiro ano.

Tendências similares foram observadas nos resultados do teste de discriminação, apresentado na Tabela 2.

Tabela 2 - Índice médio de acertos/desvio padrão no teste de discriminação

Estímulo	Segundo ano			Terceiro ano			Quarto ano			Sexto ano		
	MA	BA	MP	MA	BA	MP	MA	BA	MP	MA	BA	MP
1 [●] X [x] - produção de [●]	60,7/ 13,6	71,4/ 20,2	80,9/ 22,6	42,9/ 20,2	57,1/ 24,7	80,0/ 27,9	71,4/ 29,9	50,0/ 50,5	84,4/ 16,7	82,8/ 15,7	76,2/ 41,2	88,9/ 11,9
2 [●] X [x] - produção de [x]	65,0/ 30,0	40,0/ 28,3	84,4/ 19,4	20,0/ 0,0	68,0/ 39,0	76,0/ 32,4	80,0/ 17,9	80,0/ 28,3	82,2/ 27,3	72,0/ 41,5	86,7/ 23,1	75,6/ 21,9

⁶ Na análise estatística, foi utilizado o teste de *Kruskal-Wallis*, em um primeiro momento, e de *Mann-Whitney*, nos casos em que *Kruskal-Wallis* detectava diferenças relevantes. Foi empregada correção de *Bonferroni* na análise interturmas e intergrupos, atualizando o valor de *p*, que inicialmente era de 0,05, para, respectivamente, 0,0125 (0,05 dividido por quatro turmas) e 0,017 (0,05 dividido por três grupos).

3	[●] X [R] - produção de [●]	87,5/ 25,0	100/ 0,0	88,9/ 22,0	75,0/ 35,4	80,0/ 44,7	100/ 0,0	100/ 0,0	75,0/ 35,4	100/ 0,0	90,0/ 22,4	66,7/ 57,7	88,9/ 22,0
4	[●] X [R] - produção de [R]	43,8/ 23,9	87,5/ 17,7	91,7/ 17,7	25,0/ 35,4	80,0/ 44,7	80,0/ 32,9	83,3/ 30,3	100/ 0,0	69,4/ 34,9	80,0/ 20,9	58,3/ 52,0	80,6/ 27,3
5	[x] X [R] - produção de [R]	33,3/ 0,0	58,4/ 11,8	66,7/ 22,1	41,7/ 11,8	70,0/ 32,0	66,7/ 26,1	68,9/ 24,2	33,4/ 23,5	66,7/ 16,7	80,0/ 21,7	44,5/ 38,5	74,1/ 22,2
6	Todas iguais	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	62,5/ 53,0	90,0/ 22,4	97,5/ 7,9	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	100/ 0,0	97,2/ 8,3
7	Todas diferentes	25,0/ 50,0	25,0/ 35,4	88,9/ 18,2	62,5/ 17,7	65,0/ 22,4	70,0/ 38,7	45,8/ 33,2	12,5/ 17,7	63,9/ 30,9	80,0/ 20,9	41,7/ 52,0	77,8/ 26,4

■ Diferença significativa interturmas ■ Diferença significativa intergrupos

Na Tabela 2, os resultados do teste de discriminação igualmente revelam tendências variáveis, tanto na comparação entre os grupos quanto entre as séries. Um maior número de diferenças estatisticamente relevantes, entretanto, pode ser verificado, novamente apontando uma discrepância entre os grupos MA e MP. As responsáveis pelas diferenças foram as categorias 4 e 5, no segundo ano, em que os monolíngues de Arroio do Padre revelaram um índice significativamente inferior de acertos na comparação entre [●] e [R], com produção de [R] ($Z = -2,697$; $p = 0,007$) e na comparação entre [x] e [R], com produção de [R] ($Z = -2,585$; $p = 0,010$). Além disso, na categoria 5, o grupo MA revelou um índice significativamente inferior no segundo ano, quando em comparação com o sexto ano ($Z = -2,570$; $p = 0,010$), o que mostra que, nessa categoria, houve uma evolução relevante desse grupo ao longo da escolaridade.

Apesar do baixo número de diferenças significativas verificadas, algumas considerações podem ser estabelecidas ao observar-se o desenvolvimento dos grupos ao longo das séries, como a evolução dos índices de acerto. Assim, verifica-se que, em todas as seis categorias do teste de identificação, bem como em todas as sete do teste de discriminação, o índice de acerto mais alto é atingido pelo quarto ou sexto ano, conforme pode ser verificado nas Tabelas 1 e 2. Ou seja, os maiores índices de acerto são verificados nas séries finais.

A estatística corrobora essa afirmação. Nos dois testes, o índice superior é verificado nas séries mais avançadas, quando em comparação com o segundo e o terceiro ano, ambos na categoria 5. Assim, parece possível afirmar que há uma evolução quanto ao índice de acertos ao longo da escolaridade, já que os alunos mais avançados – quarto e sexto anos – apresentaram os índices mais elevados, fenômeno estatisticamente corroborado na categoria 5 dos dois testes para o grupo MA.

A análise do grupo MP parece conduzir a uma tendência semelhante à verificada em MA. Antes de mais nada, é importante afirmar que os estudantes de Pelotas revelaram, de uma forma geral, os índices mais elevados de acerto. Somando-se os resultados de todas as turmas, verificou-se que o grupo MP apresentou o índice mais alto em dez das treze categorias dos testes de identificação e discriminação. No teste de discriminação, aliás, os monolíngues de Pelotas apresentaram a média mais alta em todas as categorias, com diferença significativa verificada na categoria 7, na comparação com o grupo bilíngue ($p = 0,008$; $Z = -2,663$). No teste de identificação, o grupo atingiu a média mais alta em três das seis categorias, empatando com o grupo MA, que igualmente apresenta um desempenho global elevado, chegando a ser significativamente superior ao grupo BA na categoria 2 ($p = 0,008$; $Z = -2,660$). Esses resultados mostram que o desempenho global dos monolíngues de Pelotas, quando em comparação com os demais, é superior.

Assim, se retomarmos as Tabelas 1 e 2, é possível verificar que, diferentemente dos monolíngues de Arroio do Padre, o grupo MP não demonstra os índices de acerto mais altos nas séries finais, não deixando transparecer, assim, uma clara evolução ao longo das séries.

Não há, por exemplo, diferenças estatísticas significativas na comparação entre as etapas iniciais e finais do processo de alfabetização, revelando um comportamento mais homogêneo. A diferença para o grupo MA, entretanto, parece residir nas séries iniciais, em que os pelotenses apresentam um desempenho elevado, que se mantém até o sexto ano. Logo, o bom desempenho do grupo MP nos testes parece se espalhar por todas as séries, sem a tendência à evolução revelada pelos monolíngues de Arroio do Padre.

Outro fator deve ser destacado, entretanto, o tempo de reação – ou de resposta –, o qual contabiliza a quantidade de tempo que o aluno demora para fornecer uma resposta após ouvir o estímulo. Por hipótese, estudantes mais rápidos apresentam um nível de certeza maior sobre a resposta fornecida, não necessitando, assim, refletir demasiadamente.

A respeito dos tempos de reação despendidos pelos estudantes do grupo MP, as Tabelas 3 e 4 revelam as médias de cada turma, separando-se os tempos gastos nas respostas assinaladas corretamente daquelas assinaladas erroneamente, o que pode fornecer uma análise mais específica sobre as motivações que levaram aos erros e sobre as dificuldades enfrentadas pelos alunos. A título de comparação, os tempos de resposta despendidos pelos grupos MA e BA⁷ não revelaram nenhum caso de diferença estatisticamente significativa e demonstraram, de modo geral, valores similares ao longo das séries.

Tabela 3 - Tempo médio e desvio padrão (segundos) despendido na seleção das alternativas marcadas corretamente e erroneamente no teste de identificação – grupo MP.

Estímulo	Segundo ano		Terceiro ano		Quarto ano		Sexto ano	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros	Acertos	Erros	Acertos	Erros
1 [●] X [x] - produção de [●]	4,1/1,8	3,7/1,5	3,6/0,5	3,1/0,7	3,2/0,5	3,7/1,3	3,0/0,5	2,5/0,6
2 [x] X [●] - produção de [x]	4,5/1,8	7,0/6,1	3,3/0,8	6,0/4,3	3,3/1,1	3,8/1,8	2,9/0,6	4,5/
3 [●] X [●] - produção de [●]	4,2/1,4	4,3/1,0	4,0/2,2	3,5/1,0	3,2/0,4	4,1/1,1	3,0/0,2	3,3/0,5
4 [●] X [●] - produção de [●]	3,3/0,4	3,5/1,0	3,0/0,2	3,2/0,8	3,7/1,8	2,8/0,8	2,9/0,2	3,3/1,0
5 [x] X [●] - produção de [x]	4,2/0,5	6,4/3,5	4,3/1,1	*	4,0/0,8	9,3/	3,2/0,4	*
6 [●] X [x] - produção de [●]	4,2/1,0	*	3,6/0,5	*	3,7/0,9	*	3,4/0,6	*

* Ausência de ocorrências.

■ Diferenças significativas interturmas

■ Diferenças significativas entre o tempo nos acertos e o tempo nos erros em uma série

Tabela 4 - Tempo médio e desvio padrão (segundos) despendido na seleção das alternativas marcadas corretamente e erroneamente no teste de discriminação – grupo MP.

Estímulo	Segundo ano		Terceiro ano		Quarto ano		Sexto ano	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros	Acertos	Erros	Acertos	Erros
1 [●] X [x] - produção de [●]	8,5/2,0	8,9/1,8	7,3/1,1	8,3/3,1	7,0/0,7	8,7/2,8	6,8/0,5	7,8/1,9
2 [x] X [●] - produção de [x]	11,3/6,1	9,7/2,5	8,4/2,3	11,7/5,5	8,2/1,6	9,6/2,0	7,3/1,5	7,9/1,2
3 [●] X [●] - produção de [●]	9,2/1,9	12,9/	7,8/1,2	*	7,2/0,8	*	7,1/0,7	8,9/0,0
4 [●] X [●] - produção de [●]	8,6/1,8	10,3/1,1	6,8/0,6	8,5/0,9	6,7/0,8	9,4/3,1	6,7/1,1	7,5/0,8
5 [●] X [x] - produção de [●]	8,8/2,0	8,7/2,3	7,5/1,1	7,3/1,4	7,3/1,9	7,8/1,5	6,3/0,6	7,0/0,7
6 Todos iguais	6,3/0,3	*	6,0/0,4	9,0/	6,4/0,8	*	6,2/0,5	*

⁷ As Tabelas correspondentes a esses grupos serão aqui omitidas, considerando-se a delimitação do espaço para publicação do artigo.

7	Todos diferentes	8,6/1,6	11,0/3,5	8,5/1,2	10,0/1,1	8,0/0,9	8,2/1,2	7,8/1,4	8,6/1,1
---	------------------	---------	----------	---------	----------	---------	---------	---------	---------

* Ausência de ocorrências.

■ Diferenças significativas interturmas

Observando-se as Tabelas 3 e 4, é possível verificar uma redução no tempo de resposta ao longo da escolaridade nos testes realizados pelo grupo MP. No teste de identificação, o sexto ano levou um período de tempo significativamente menor para fornecer a resposta, em relação ao segundo ano, na categoria 3, e ao segundo e terceiro anos, na categoria 5. No teste de discriminação, o avanço na velocidade é ainda mais acentuado. O sexto ano é significativamente mais rápido do que o segundo ano nas categorias 2, 3 e 4, segundo ano esse que é mais lento também do que o terceiro e o quarto, nas categorias 4 e 3, respectivamente.

Esses resultados permitem uma aproximação entre o desempenho dos grupos MP e MA. Enquanto os monolíngues de Arroio do Padre aumentam o índice de acertos ao longo da escolaridade, os estudantes de Pelotas mantêm o índice, mas passam a ser mais rápidos na resolução dos testes, o que denota maior confiança. Assim, percebe-se uma evolução nos resultados dos dois grupos.

O grupo BA, entretanto, destoa dos demais. Retomando-se as Tabelas 1 e 2, pode-se observar que os bilíngues não apresentam uma evolução no índice de acertos ao longo da escolaridade, como o comprova a ausência de diferenças significativas e os índices de acerto mais altos, que não são atingidos pelos alunos das séries mais avançadas. Pelo contrário: no teste de identificação, os alunos do segundo ano atingem o melhor desempenho em cinco das seis categorias, enquanto, no teste de discriminação, os índices mais altos de cada categoria são pulverizados ao longo das séries. Os índices, além disso, são os mais baixos entre os três grupos, apesar de, estatisticamente, diferenças significativas entre eles não terem sido detectadas⁸. A análise do tempo de resposta igualmente não revelou evoluções. Não foram detectadas diferenças estatisticamente relevantes entre as séries, e os tempos mais rápidos, em diversas ocasiões, correspondem aos desempenhos dos estudantes das séries mais iniciais.

Desse fenômeno, parece ser possível depreender que os estudantes bilíngues mantêm padrões de percepção ao longo do desenvolvimento escolar, não revelando uma clara evolução na capacidade de distinguir variantes dos fonemas róticos. Tal evolução é verificável mesmo nos estudantes monolíngues de Arroio do Padre, que estão expostos a uma mesma variedade do Português Brasileiro, e, naturalmente, nos monolíngues de Pelotas, que estão em contato com uma variedade linguística diferente, em que tepe e fricativa são invariavelmente distintos.

4 CONCLUSÕES

Por meio do estudo da percepção dos falantes monolíngues e bilíngues de Arroio do Padre e Pelotas, foi possível observar padrões distintos quanto à capacidade de distinguir os segmentos róticos do Português Brasileiro. Se, por um lado, as diferenças intergrupos não foram acentuadas – poucos casos de diferenças estatisticamente significativas foram observados –, a evolução de cada grupo ao longo das séries revelou um comportamento particular. Enquanto MA mostrou os maiores índices de acerto nas séries finais, e MP revelou uma diminuição no tempo de resposta aliada à manutenção dos elevados índices de acerto, BA manteve resultados e tempos de resposta constantes ao longo do processo de escolaridade.

⁸ O baixo número de sujeitos bilíngues constitui uma das limitações desta pesquisa, dado que as médias ficaram extremamente sensíveis a dados espúrios.

As pesquisas que se propuseram a observar as influências das línguas germânicas no português falado em regiões de colonização ainda não se voltaram, de maneira mais efetiva, ao fenômeno da percepção – com exceções a trabalhos como Gewher-Borella (2010) e Bilharva-da-Silva (2015), entre outros. O desenvolvimento dos estudos em percepção tem sido crescente, pois possibilita acesso a uma outra face do conhecimento linguístico do falante, focalizando em sua capacidade de reconhecer e distinguir os sons de sua(s) língua(s), o que pode explicar ausências de contrastes fonológicos verificáveis na fala.

No caso da presente pesquisa, em se tratando dos róticos do português, para os falantes bilíngues de Arroio do Padre, constatam-se, portanto, as “ilusões de fala” reportadas na literatura, mais especificamente o caso de “surdez” da língua, pois os sujeitos do grupo BA, de forma mais expressiva, ignoram o contraste presente no sinal da fala, como em *ca[r]o* X *ca[x]o* (SEBASTIÁN-GALLÉS, 2005). Pode-se inferir, assim, que a produção de tepes em posições comumente ocupadas pela fricativa no Português, na fala de moradores de regiões de colonização, amplamente descrita na literatura, pode apresentar como uma de suas causas uma dificuldade na percepção desses contrastes, especialmente nos falantes bilíngues, que revelaram um desempenho inferior aos monolíngues. Hipóteses como essa podem embasar os estudos a respeito do bilinguismo, fornecendo novos pontos de vista sobre fenômenos já discutidos.

REFERÊNCIAS

BILHARVA-DA-SILVA, F. *Produção oral e escrita do róticos em Arroio do Padre (RS): avaliando a relação português/pomerano com base na Fonologia Gestual*. 2015. 246 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas – UFPel, Pelotas, 2015.

BLANK, M. T. *Influências fonológicas na aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português brasileiro)*. 2013, 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

CLOPPER, C.; HAY, J.; PLICHTA, B. Experimental speech perception and perceptual dialectology. In C. Clopper, M. Di Paolo and M. Yaeger-Dror (eds.) *Sociophonetics: a student's guide*, p. 149–162. London: Routledge, 2010.

GEWEHR-BORELLA, S. *A influência da fala bilíngue hunsrückischportuguês brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais*. 2010. 205 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica de Pelotas – UCPEL, Pelotas, 2010.

HENNES, M. C. *A interferência fonológica de um dialeto alemão no português*. Diss. Mestrado. Porto Alegre: PUCRS; PPG-Letras, 1979.

MIRANDA, A. R. M. *A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão sobre seu status fonológico*. 1996. 128 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, Porto Alegre.

PRADE, H. G. O linguajar do alemão gaúcho. In: CUNHA, J. L.; GÄRTNER, A. (orgs.). *Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, Linguagem, Educação*. Santa Maria: UFSM, 2003.

RAUBER, A. S., RATO, A., SANTOS, G. R., KLUGE, D. C., Figueiredo, M. *TP: Perception tests and perceptual training with immediate feedback.*

SEBASTIÁN-GALLÉS, N. Cross-Language Speech Perception. In: PISONI, D.; REMEZ, R. E. *The Handbook of Speech Perception.* Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

SCHAEFFER, S. C. B. *Descrição fonética e fonológica do pomerano falado no Espírito Santo.* 2012. 130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória.

THOMAS, E. Perception. In: _____. *Sociophonetics: an introduction.* New York: Palgrave Macmillan, 2011.

TRESSMANN, I. O pomerano: uma língua baixo-saxônica. In: Educação, cultura e sociedade. *Revista da Farese*, v.1, 2008, p.10-21.

VANDRESEN, P. Contato linguístico e bilinguismo em Arroio do Padre. Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul – CELSUL, 7, 2006, Pelotas, RS.

MATZENAUER, Carmen L. B. et al (Orgs.). *Anais...* Pelotas: EDUCAT, 2008. p.1-6. Disponível em: < <http://www.celsul.org.br/Encontros/07/dir2/1.pdf> > Acesso em: 14 fev. 2014.

A PÁTRIA RENASCIDA. *Revista Globo Rural*, ed.268, fev. 2008. Disponível em: < http://revistagloborural.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,1671261-1641-1,00.html > Acesso em: 14 fev. 2014.

Recebido em: 15 de fevereiro de 2016.

Aceito em: 19 de julho de 2016.